

7.11. Padre Manuel Bernardes. *Os últimos fins do homem. Salvação e condenação eterna*

Luís Lóia

7.11.1. Introdução: vida e obra de oratoriano

Manuel Bernardes nasceu em Lisboa, no dia 20 de agosto de 1644, filho de João Antunes e Maria Bernardes, tendo adotado o apelido de Bernardes em função da condição social de seu Avô materno, João Bernardes, Cavaleiro da Ordem de Cristo. A cuidada educação religiosa que recebeu dos seus pais e também a influência recebida pelo seu tio, António Leite Pereira, que fora Cavaleiro Fidalgo e Familiar do Santo Ofício, fê-lo ingressar no Colégio Jesuíta de Santo Antão, para estudar Filosofia, aos 9 anos de idade. Coursou Artes e Filosofia na Universidade de Coimbra, tendo em tais matérias obtido o grau de Mestre, bem como o de Bacharel em Direito Pontifício e em Jurisprudência Canónica na mesma academia, o que lhe possibilitou tomar as Ordens de Presbítero. Cultivou, também por isso, o seu pensamento nos âmbitos da dogmática teológica, da ascética, da moral, da mística e da teologia filosófica. Já sacerdote, ingressou na Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri⁶³², em 14 de julho de 1674, tendo escolhido como seu confessor e diretor de consciência o Padre Vicente Dias⁶³³. Na Congregação, segundo o seu primeiro biógrafo, Padre Bernardes Lopes⁶³⁴, o Padre Manuel Bernardes desempenhou os cargos de Deputado, Secretário e Mestre de Noviços e o de Perfeito Espiritual, tendo pedido escusa do cargo de Visitador Geral das Congregações do Reino.

A sua formação teológica, no seio da Congregação, foi pautada pela forte influência de São Tomás de Aquino e, de outro modo, por Santo Agostinho, o primeiro, na dogmática e na teologia filosófica, o segundo, na moral, na ascese e na mística – o ambiente escolástico da academia, em particular da eminência da filosofia conimbricense, assim como o escolasticato da Congregação, não permitiriam que fosse de outro modo a quem, de espírito curioso, se versava em tais matérias. Não de estranhar também a influência da escola

⁶³² A Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri, reconhecida por Roma em 1550, foi implementada em Portugal, em 1668, por ação do Padre Bartolomeu do Quental. Em Lisboa, estabeleceu-se na Rua Nova do Almada, tendo-se mudado depois para a Igreja do Espírito Santo.

⁶³³ A. do Prado Coelho refere Dom João de Mello, Bispo de Viseu, como seu confessor.

⁶³⁴ O Padre Bernardes Lopes foi secretário da Congregação do Oratório.

salamantina, em particular de São João da Cruz e da sua síntese entre os dois grandes Doutores da Igreja.

Para além do contexto educativo em que se formou e cultivou, segundo Prado Coelho, terão exercido marcas profundas no seu pensamento a leitura das obras de Santo Agostinho, São Bernardo, São Tomás de Aquino, São João da Cruz, Santa Teresa de Ávila e, entre outros, Descartes⁶³⁵. Por outro lado, a veneração e devoção à da Igreja em contexto mariano, também porque a Virgem é Padroeira da Congregação, e o apostolado como condição própria da missão de um oratoriano, sustentam os eixos principais da formação e ação prática e especulativa do Padre Manuel Bernardes.

Apesar de Santo Agostinho ser o autor mais citado por Bernardes, como nota Prado Coelho:

São salientes os aspetos tomísticos do apostolado de Bernardes: a patrística mobilizada num sentido de teologia positiva; a supremacia da graça, dentro do plano divino; a necessidade da expiação e da justificação, fundada no senso da responsabilidade e induzindo ao reconhecimento da majestade de Deus; a unidade moral da espécie realizada definitivamente na Igreja; a preocupação das origens e dos fins do Homem; o mistério da Incarnação e o da nossa incorporação em Cristo.⁶³⁶

Do mesmo modo, Lucília Gonçalves Pires identifica como temas dominantes em Bernardes,

... a angústia provocada pela incerteza da salvação [...] o horror ao pecado, a angústia perante a ideia da morte como passagem para uma eternidade incerta, o terror ao inferno, um rigorismo quase desesperado quanto ao problema do número de eleitos [...] a oração mental e a sua importância na vida cristã.⁶³⁷

As citações aqui feitas, das quais damos assentimento e testemunho, atestam bem que a educação e a formação de carácter, os autores mais estudados e os temas de interesse especulativo conferem à obra de Manuel Bernardes um cunho apologético e pedagógico que se revela em todos os seus escritos, quer em obras propriamente de natureza apologética, como os *Sermões* ou as

⁶³⁵ Para uma completa consulta das fontes usadas e citadas por Manuel Bernardes, ver *Apêndice II – Resenha da Bibliografia Ascético-Mística usada por Bernardes*, in Lima, Ebion, «O Padre Manuel Bernardes. Sua vida, obra e doutrina espiritual.», Lisboa e Rio de Janeiro, Moraes Editores, 1969.

⁶³⁶ A. do Prado Coelho, *Manuel Bernardes*, 2.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1962, pp. 14-15.

⁶³⁷ Lucília Gonçalves Pires, *Imagens da obra do Padre Manuel Bernardes*, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 14 e 15.

Meditações, quer também em outras obras de análise e reflexão dos e sobre os textos bíblicos⁶³⁸.

A sua obra, composta nos anos em que viveu na Congregação, compreende 15 volumes, já editados aquando da escrita da notícia biográfica do Padre Manuel Bernardes pelo Padre Bernardes Lopes; no entanto, 4 outros volumes ficaram por editar, porque se perderam no incêndio da Biblioteca da Casa do Espírito Santo, aquando do terramoto ocorrido no Dia de Todos os Santos, em 1755⁶³⁹. Dos volumes que aí se perderam, segundo o seu primeiro biógrafo, constavam sermões, cartas espirituais, meditações e consultas místicas, assim como inúmeros apontamentos acerca dos textos que ia lendo e anotando.

Nos últimos dois anos da sua vida, viu-se o Padre Manuel Bernardes reduzido nas suas capacidades mentais. Como que num regresso a um estado de inocência infantil, o seu comportamento, a sua linguagem e a sua compreensão dos textos que já lhe liam, muito diminuídos estavam⁶⁴⁰. Faleceu em Lisboa, na Quinta de Campolide da Congregação do Oratório, a 17 de agosto de 1710, «... foy pouco depouys de meya noute em que completava 66 anos de idade menos três dias e 36 hum mez e dois dias de Congregado. Ao seo enterro acudio innumeravel concurso, no qual entrarão muitas pessoas das principaes da Corte, e todos lhe beijavam os pés, como a Santo, e procuravam reliquias de suas pobres alfayas»⁶⁴¹.

7.11.2. Salvação e condenação

Os últimos fins do Homem é uma obra cuja primeira edição cremos ser de 1728, sendo, portanto, uma obra póstuma que granjeou grande apreço aquando de sua publicação: «Grande Padre chamou Frei Manuel Guilherme

⁶³⁸ É conhecida a carta que o Padre António Vieira envia a Manuel Bernardes elogiando os seus escritos depois de ler na Baía os dois volumes de *Exercícios Espirituais* do nosso autor.

⁶³⁹ Estima-se que a Biblioteca Oratoriana terá contado com um acervo de mais de trinta mil volumes doados por D. João V aquando da fundação da Congregação em Portugal. Extinta que foi a Congregação, em 1834, o fundo bibliotecário existente foi incluído na Real Biblioteca da Ajuda.

⁶⁴⁰ «Sempre pedia a Deos que o pusesse no estado de innocencia antes de lhe vir a morte. [...] E Deos Nosso Senhor lhe concedeo o despacho porquanto perto de três anos antes de morrer foy reduzido ao estado dos primeiros, em forma que no espaço deles parecia hum menino, chorando como eles choram, e usando dos mesmos vocábulos que eles usam de sorte que o acalentavão e lhe cobrirão a cabeça a ponta da capa e logo se calava.» (*Notícias para a biografia dos Padres do Oratório*, in «Arquivo das Congregações, manuscrito 251», Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Citado a partir de Lima, Ebion, «O Padre Manuel Bernardes. Sua vida, obra e doutrina espiritual», Lisboa e Rio de Janeiro, Moraes Editores, 1969, p. 14.)

⁶⁴¹ *Ibidem*, p. 15.

a Bernardes, na sua aprovação, em nome do Santo Ofício, à obra *Os últimos fins do Homem*⁶⁴².

Figura no frontispício a seguinte inscrição: *Os últimos fins do homem. Salvação e condenação eterna. Tratado espiritual dividido em dous livros. No primeiro se trata da singular providência de Deus na salvação das almas; no segundo das causas gerais da perdição das almas, ou estradas comuns do reino da morte. Escrito e dedicado à Soberana Rainha dos Anjos Maria Santíssima pelo padre Manuel Bernardes, da Congregação do Oratório de Lisboa.*

Como o próprio título indica, a obra *Os últimos fins do Homem*⁶⁴³ concretiza de forma concetual, o pensamento e a preocupação, constante e permanente, de Manuel Bernardes com a questão da redenção, da salvação de todas as almas e a conversão do mundo. Dois eixos de análise devem percorrer a obra na sua análise: por um lado, a incerteza do destino e da salvação das almas, pois que essa será sempre da ordem da Graça Divina; por outro lado, e ao mesmo tempo, a certeza na predestinação de alguns eleitos e no castigo eterno dos réprobos. Em face destes dois eixos, se compreenderá a concepção teológica que está subjacente a toda a obra e a concepção moral, que será inerente às ações humanas em ordem à sua salvação, e que é apresentada em estilo apostólico, pedagógico e parenético.

O que é a salvação e em que consiste? Eis o mote inicial da inquirição, logo esclarecendo que se deve entender por salvação o livrar-se do mal ou alcançar ou conservar-se no bem, e que bem responde à natureza do titulado das duas partes que compõem a obra; a primeira ocupando-se da providência Divina no concurso da salvação; a segunda da ação do Homem em ordem à sua salvação. Na primeira parte, aborda o aparente paradoxo entre a vontade divina em salvar todas as almas, bem como os decretos teológicos da conversão de todo o mundo, e a certeza de que só alguns se salvam porque, segundo os mesmos decretos, muitos são os réprobos em comparação com os poucos eleitos. Na segunda parte, faz o diagnóstico das causas da perdição sublinhando, em particular, a culpa da ação dos homens, da ação dos magistrados, dos pregadores e dos pais. Resulta daqui a confluência de dois mundos, o Divino e o humano, em que, em ordem à salvação, se inquire a mortalidade e a eternidade, a liberdade e a predestinação, o pecado e a Graça, os réprobos e os eleitos. Não há meio termo entre estes dois mundos em que o Homem se encontra situado; no entanto, desde logo, a onerosidade reside sempre na

⁶⁴² A. do Prado Coelho, *Manuel Bernardes*, 2.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1962, p. 10.

⁶⁴³ Referem-se três edições da obra datadas do século XVIII, em 1727, 1728, no Tomo V de *Nova Floresta*, e 1741. Hoje em dia, é considerada a edição de 1728 como sendo a primeira, questionando-se a veracidade da primeira data. Em 1946, a obra foi reimpressa em versão *fac-simile*, a partir da edição de 1728, por Vieira de Almeida, na *Revista Portuguesa*. Outras edições completas ou parcelares foram dadas à estampa desde o início e ao longo do século XX.

Graça Divina. Deus determina, sempre e em última instância, quais são os eleitos e quais são os condenados, quais os bem-aventurados e quais os que padecerão eternamente no inferno; não obstante, cabe ao homem conhecer os mandamentos divinos e agir em conformidade, pois que no texto sagrado se apontam as diligências necessárias para que tal eleição seja mais provável. Dizemos provável, pois que, para Manuel Bernardes, à boa maneira agostiniana, a ascese na ordenação da vida a Deus não é nunca sinónimo de contemplação e de coexistência eterna com o Divino – essa será sempre uma dádiva, um agraciamento. Necessário será intentar como pode o Homem compreender que, independentemente da sua ação e da incomensurável bondade de Deus, como só poucos são os eleitos. É tentar compreender os mistérios dos desígnios de Deus, sabendo-se que salva e condena, mas não porque salva ou condena. Não significa que sejam irrelevantes a ação humana e a necessidade da ordenação da vida a Deus; o dogmatismo escatológico cristão está bem vincado em Manuel Bernardes, assim como a ontologia do Ser e dos seres, do Criador e da criatura, que é criado ou servo. Assim, o mistério da salvação é aceite como isso mesmo, como mistério a que anui por um ato de fé. Não há, em toda a obra de Manuel Bernardes, qualquer questionamento dos dogmas da igreja, antes pelo contrário, grande parte do seu esforço e labor intelectual servem para compreender, justificar e fundamentar a própria fé nos segredos da Providência Divina.

Que poucos são os que se salvam e inumerável a multidão dos que se condenam. Confirmam-no as Sagradas Escrituras, a vida dos Santos e os relatos dos místicos e confirma-o um pequeno exercício dedutivo se considerarmos, como sugere Bernardes, todos os filhos de Adão e aí apenas aqueles que são católicos e aí apenas aqueles que atingem o estado de identificação entre o bom uso da razão e a boa conduta de vida. Significa isto que a Graça só é devida aos católicos de boa conduta e de bom uso da razão? Como o saber, se os mistérios de Deus são insondáveis? Aqui o que se parece saber, segundo o nosso autor, é a quem a Graça não será conferida; a quem as portas do céu e da eternidade se não abrirão e não tanto a quem, dentro daqueles que reúnem tais condições, se sentará ao lado do Senhor na felicidade da eternidade. Grande é pois o número dos réprobos, tão grande que só em chineses conta Bernardes 1 250 000 000 000 000⁶⁴⁴, mas, também, com eles o podem ser alguns apóstolos, padres, religiosos e até sumos pontífices. Poder-se-á dizer que é seguro, *a priori*, tomar como verdade que todos são os condenados

⁶⁴⁴ Cf. Manuel Bernardes, *Os últimos fins do Homem, salvação e condenação eterna*, Lisboa, ed. José António da Silva, 1728, p. 197.

e perceber que «sem diligência nossa, é certo que não entraremos no céu; e com diligência o entrarmos é incerto»⁶⁴⁵.

A fervorosa exortação do nosso autor segue a lógica antecipada no *Pari* de Pascal. Ao homem ordinário, cabe-lhe fazer por merecer os sacramentos divinos, seguir com probidade os mandamentos cristãos, evitar o pecado e esperar a Graça Divina; ao magistrado, se acrescenta o juízo, a retidão na conduta e o exemplo justos; aos Padres e aos Apóstolos, se acrescenta a boa condução dos homens em ordem à salvação e o desbravamento do conhecimento dos mistérios divinos. A todos, a incerteza da salvação deve ser acompanhada por duas convicções: por um lado, na fé e no reconhecimento da verdade e autoridade dos textos bíblicos; por outro lado, nos testemunhos reveladores e convincentes dos místicos a que se alia a própria experiência da ascese no conhecimento de Deus pela oração. É, naturalmente, ao religioso que se abre, em primeiro lugar, o caminho da salvação, pois que este é o mais próximo e mais versado nas cousas divinas e é quem se dá e se ordena totalmente ao serviço de Deus e fá-lo, diariamente, constantemente, através da oração que é o *locus* próprio do diálogo com Deus.

Manuel Bernardes funda a esperança da salvação nos exemplos da Paixão do Cristo redentor e de Maria Virgem Mãe, protetora e perdoadora. No primeiro, se vê como o divino se fez homem para resgatar todos os homens, no segundo se vê como Deus fez divino o humano como exemplo da Graça do Espírito Santo. O pendor mariano, também ele caro à Congregação do Oratório, da reflexão e devoção de Bernardes é exaltado na leitura e comentário dos grandes místicos de seu tempo e o interesse por esses mesmos textos é, também, ele, justificado pela procura incessante que faz para garantir, obter ou pelo menos merecer a Graça divina da salvação.

A exigência que se coloca ao religioso, a da perfeição cristã⁶⁴⁶, exige a proficuidade na Teologia Espiritual, na Ascética e na Mística, para isso recorre Bernardes a São Tomás, a Dionísio Areopagita, a São Bernardo, São Boaventura e, entre outros, aos já referidos São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila, a todos citando com propriedade e aí bebendo as instruções para uma ascese mística na contemplação do Divino. Em particular, São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila apresentam-se em Bernardes como fontes principais de inspiração para uma vida contemplativa que merece ser salva e é também por isso que a oração contemplativa, a oração de recolhimento e de quietude

⁶⁴⁵ *Ibidem*, p. 218.

⁶⁴⁶ Manuel Bernardes entende que a perfeição cristã é de dois tipos: integral e substancial. A perfeição integral é interna e externa ou cerimonial; a interna consiste nos atos interiores não visíveis com que a alma se aplica ao serviço de Deus, a externa consiste nos atos observáveis, cerimoniais na devoção a Deus. A perfeição substancial consiste no amor a Deus e na observação da perfeição integral. Cf. Manuel Bernardes, *Luz e calor, Obras completas do Padre Manuel Bernardes*, 15 vols., org. Padre Augusto Magne, São Paulo, Editora Anchieta, 1945-1947, pp. 77 e ss.

(de quite) é, para o nosso autor, o melhor modo de chegar ao vislumbre ofuscante de Deus, da Sua presença em nós e da nossa pertença a Ele.

Na procura pela perfeição cristã, que não se atinge sem a oração, faz o Padre Manuel Bernardes uma distinção entre oração mental e oração vocal e esta distinção não é ingénua considerando os dois modos de perfeição integral e substancial. A oração mental é integral e interna e substancial, isto é, compreende os atos interiores na aplicação da alma ao serviço de Deus e a força do amor e devoção que Lhe dedicamos. A oração vocal é integral e externa, praticada em comunhão nos atos cerimoniais e também ela de suma importância embora meio inferior para alcançar o conhecimento das cousas divinas. A oração mental, embora possa por todos ser praticada, é, na perfeição do seu exercício, o instrumento místico por excelência para a ascese na contemplação. Este tipo de oração, para o nosso autor, deve seguir os preceitos estabelecidos pelos Dominicanos de Granada e pela Companhia de Jesus, isto é, a divisão da oração em preparação, lição, meditação, oferecimento, petição e ação de graças, fazendo com que, deste modo, vontade, memória e entendimento convirjam. Uma vez que pode ser praticada por todos, não quer dizer que todos consigam com ela perscrutar os desígnios de Deus. Há como que uma espécie de coparticipação e copresença de Deus no ato oratório que não é nem está ao alcance de todos. Entende-se que a oração mental é também ela de dois tipos: oração ordinária e a oração adquirida. A oração mental ordinária está ao alcance de todos, observada a ordem e o rigor no seu exercício; a oração mental adquirida é extraordinária e infundida por Deus. O caminhar do primeiro ao segundo tipo de oração mental é trabalhoso e penoso, daí também não estar ao alcance de muitos pois, conforme Bernardes afirma em *Luz e calor*:

No princípio tudo são meditações, tudo discursos, tudo pontos vários e modos e artifícios para excitar e conservar a devoção. Depois vão dando mais tempo à obra da vontade que à fantasia e entendimento... Depois tira-lhe Deus quase todo o meditar e fica a alma só arrimada a algumas apreensões simples e o mais são os atos da vontade... Mais adiante já não sabe ocupar-se senão em atos de amor e umas razões breves... até que ultimamente fica a desnudez de fé pura, atendendo à presença de Deus e buscando-o como centro seu o peso da vontade...⁶⁴⁷

A oração mental é, em último grau, uma oração afetiva, de puro amor, também denominada de Contemplação Adquirida ou Oração de Quite (quietude). É uma oração que só se encontra, à boa maneira agostiniana, em

⁶⁴⁷ *Ibidem*, p. 40.

profundo recolhimento, pois que só na interioridade se manifesta toda e fé e o amor que possibilita o encontro com Deus; é uma oração em que só se participa por chamamento de Deus, por dom de Deus, em que este se manifesta e se torna copresente em termos espirituais; é uma oração em que estamos totalmente passivos e abertos ao encontro. Este tipo de oração pressupõe o desprendimento das fantasias e pensamentos; o recolhimento da alma em si mesma e a entrega a Deus por meio da fé e da inclinação amorosa da nossa vontade. É necessário um acordo entre as clássicas faculdades intelectuais aqui implicadas, a fantasia ou imaginação; a memória e o entendimento, e esse acordo é operado por aqueles que, pelo exercício continuado, pelo empenho constantemente renovado, conseguem transformar a inclinação da sua vontade totalmente para Deus. Até mesmo o amor próprio deve ser eliminado, porque esse nos prende às coisas difusas terrenas; o esvair-se no espírito, a ociosidade do não pensar em nada é o encontro dos místicos com Deus e é o encontro por que Bernardes anseia, pela total comunhão da vontade e da razão humana com a vontade e razão Divina.

Neste encontro, que é alcançado pelo despojamento total das coisas materiais, pela ausência do e no próprio mundo, a intenção é reta, a ação é moralmente inquestionável e o pensamento é puro. É o encontro que nos torna *perfeitos*, ou melhor, que nos mostra o mais alto grau de perfeição que nos é permitido alcançar e é neste grau de perfeição que podemos almejar, com o maior grau de certeza que nos é possível, a salvação. Como já afirmado, esta ascese não permite, por si só, que sejamos salvos; no entanto, dada a nossa natureza de criaturas decaídas apegadas às coisas terrenas, esta é a forma e o modo de como poderemos ter alguma noção de que seremos um dos eleitos.

7.11.3. Conclusão: à mercê da luta entre Deus e o Diabo

Para o Padre Manuel Bernardes, a condição humana está à mercê da luta entre Deus e o Diabo. O Homem, como ser racional e o mais perfeito de todas as criaturas terrenas por Deus criadas, vive esta luta com a possibilidade de escolha entre qual o senhor a quem quer servir, na certeza, porém, de que, por um lado, é-lhe permitida uma vida faustosa, sem esforço, deleitando-se com os prazeres terrenos, sem exigências de natureza moral ou espiritual; por outro lado, sem abnegação, esforço, desprendimento, sofrimento, na dedicação da sua vida a Cristo, ser-lhe-á negada a bem-aventurança. No primeiro caso, terá a certeza da condenação eterna no fogo do inferno por obra daquele que é o grande separador (διάβολος / *diá-bolus* – o grande separador); no segundo caso, não terá qualquer certeza da sua salvação. Entre a certeza e a incerteza é o Homem chamado a construir-se e essa construção faz-se em cada ato, em cada escolha, em cada intenção que, a cada momento, se forja. Tão mais radical é esta incerteza que, mesmo o religioso, o Padre e o Apóstolo não podem garantir, nem para si ou para as suas assembleias, que

a salvação poderá ser alcançada, por mais virtuosa que seja a sua ação e reta intenção. Mais, mesmo a ascese no conhecimento e contemplação da ordem divina não é, por si só, sinónimo de salvação. Para o Homem, a Graça é e será sempre um dos mistérios divinos. Um mistério que nos deve suscitar a emprender a tarefa da sua compreensão, mesmo que possamos ter a certeza de que nunca a alcançaremos por completo.

Alegrai-nos, Senhor, porque caminhamos para a casa do Pai e, se a porta não se abrir, grandes glórias almejaremos no caminho feito.

*Alegrei-me quando me disseram:
“Vamos para a casa do Senhor!”*